

VLACOS, Sophie. Ricoeur, Literature and Imagination. New York: Bloomsbury, 2014. 233p. Kindle Edition

Jean Machado Senhorinho

Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: jeansenhorinho@gmail.com.

Paul Ricoeur, um dos filósofos eminentes do século XX, trouxe contribuições teóricas para os estudos de diversas áreas – e.g. história, direito, teologia e linguística. Essa diversidade também aparece nas discussões filosóficas atuais beneficiadas pelas perspectivas de Ricoeur – menções especiais às discussões sobre hermenêutica, identidade e bioética. Considerando que na filosofia ricoeuriana há um espaço especial dedicado a reflexões sobre narratividade, linguagem criativa e interpretação, a autora Sophie Vlacos se propõe a demonstrar que o pensamento de Ricoeur também é relevante para a teoria literária. Embora não se trate de um viés negligenciado quanto a sua possibilidade, este viés não contou com um desenvolvimento mais amplo. Esta amplitude é um dos aspectos originais da proposta de Vlacos, que se dirige principalmente ao tratamento da literatura com uma preocupação filosófica preeminente para Ricoeur. Como marcas dessa preeminência, a escritora aponta para o desenvolvimento da imaginação produtiva kantiana, o estudo sobre a metáfora e a recuperação da mimesis de Aristóteles conduzidos pelo filósofo francês.

Enquanto a influência do seu compatriota,

Jacques Derrida, na crítica e na teoria literária se encontra bem acomodado, Ricoeur teve o seu potencial de impacto pouco explorado. Esse fato e paralelo não são triviais quando se considera que os desenvolvimentos distintos da filosofia destes dois pensadores, sob o mesmo fundo de recepção do estruturalismo e de crítica à ontologia heideggeriana, revelam tratamentos ambivalentes para o fenômeno do texto literário.

Em contraste com a proposta desconstrucionista e pós-racionalista negativa de Derrida, a filosofia de Ricoeur procura uma postura mediadora que preza pela moderação. A tese de Vlacos (2014, p.6-7) é de que essa filosofia de mediação tem a capacidade de negociar com relativo sucesso entre polarizações caras à teoria literária: presença e ausência de personalidade no texto; subjetividade e objetividade; intenção e significado; texto e sujeito; determinância e indeterminância; sentido e referência; abstração teórica e contexto histórico etc. Como um exemplar dessa postura de Ricoeur, a filósofa enaltece a obra *Os Conflitos das Interpretações* (1969), tendo em vista que o trabalho traz a hermenêutica como uma disciplina fundada em

reconhecimento ao problema da polarização intelectual.

A pesquisa de Sophie Vlacos demonstra interesse, como já sugere o título do livro, na caracterização e no aprofundamento da filosofia de Ricoeur nos termos de filosofia da imaginação. Essa denominação tem inspiração nos desenvolvimentos dos trabalhos iniciais do filósofo *A Simbólica do Mal* (1969) e *Freud e Filosofia* (1970). Nessas obras, diz Vlacos (2014, p.9), Ricoeur revoga o modelo de imaginação dominante que está fundado em imagens visuais, representação e imitação. Para Ricoeur, parece necessário discernir com rigor imaginação de imagem; especialmente, se à concepção de imagem estiver atrelada ao sentido de ausência do real. O autor entende a imagem poética mais próxima a uma palavra do que a um retrato. Vlacos vê nesse entendimento uma antecipação do projeto que o pensador elabora em *A Metáfora Viva*, onde o autor trabalha com os filósofos influentes na “virada linguística” – Saussure, Wittgenstein, Benveniste, Jakobson, I.A. Richards, entre outros.

Em *A Metáfora Viva*, prossegue a autora, Paul Ricoeur avança um modelo semântico de imaginação produtiva, no qual consta a defesa da metáfora como um recurso linguístico criativo; isto é, capaz de criar sentidos em vez de apenas reproduzir sentidos preexistentes. Creio que essa seja uma maneira interessante de encarar o problema da ausência de referência de obras literárias no mundo extratextual, uma vez que o importante não é o sucesso da réplica de uma referência ausente, mas a criação de um sentido revelador mediante a força figuradora da linguagem. Vlacos (2014, p.11) assinala que no cerne da filosofia da imaginação de Ricoeur, na sua defesa pela metáfora viva e produtiva, está a ambição kantista em defender a produtividade e a criatividade como expressão da autonomia crítica.

Essa ambição diferencia o pós-racionalismo de Ricoeur como positivo, em vez de negativo, como é o caso em Derrida quando este renuncia o cogito Cartesiano e critica o projeto de Kant. Contra Derrida, Paul

Ricoeur também rejeita a reivindicação sobre a instabilidade sem resolução da linguagem, a sua alegada incapacidade de fixar sentidos e escapar do caos semântico. Consoante Vlacos, essa rejeição também é a afirmação de uma estabilidade mínima dentro da linguagem, derivada do uso da linguagem, da convenção e “sedimentação” histórica das normas semânticas. Notoriamente, como a própria autora aponta, trata-se de uma rejeição sustentada pela presença de recursos da filosofia da linguagem analítica na filosofia de Ricoeur.

Por um lado, o filósofo francês defende a imaginação poética contra uma teoria da imitação redutiva cognitivamente, a qual concebe a poesia – em sentido amplo – como mera réplica; por outro lado, a sua defesa da imaginação também é contrária a um modo de elevação da irracionalidade, que ocorre em face de uma suposta ausência de emancipação crítica. Para Ricoeur, arremata Vlacos (2014, p.11), sem inovação não há condições para a clarificação crítica ou explanação conceitual. A interpretação, a reflexão e crítica são dependes da inovação semântica.

Na sequência desta resenha, apresento uma breve descrição dos capítulos da obra, a fim de delinear tópicos que possam despertar a curiosidade de um público interessado em outros tópicos a parte da teoria literária; mas antes faço uma observação de ordem geral. Nos três primeiros capítulos, especialmente, há um esforço de Sophie Vlacos em situar o desenvolvimento pensamento de Ricoeur em um fundo sócio-histórico e em relação aos filósofos que influenciaram o seu trabalho. Ao longo da obra, a autora demonstra uma considerável preocupação no estabelecimento do diálogo entre Ricoeur e outros pensadores – clássicos, modernos e contemporâneos – antes de sintetizar as contribuições do autor para a teoria literária. Esse esforço pode ser apreciado por um público interessado nos contextos e nas recepções que impactaram na formação da filosofia do pensador francês. Todavia, esse mesmo zelo da autora pode exigir paciência para quem esteja mais interessado no mote da

obra: Ricoeur, literatura e imaginação.

Sem mais delongas, no primeiro capítulo – Ricoeur et Nanterre –, a autora situa a emergência da hermenêutica ricoeurina no contexto socio-político francês que compreende as revoltas estudantis em Paris entre 1968 e 1969 e uma profunda crise política nas universidades. Neste capítulo inicial, há uma preocupação que corresponde menos à apreciação teórica e mais aos motores históricos por detrás do pensamento do filósofo. O ponto marcante do capítulo é a caracterização de Ricoeur como um pensador pós-estruturalista frente ao relevo da queda do existencialismo e da tensão emergente entre a linguística estruturalista com o cogito Cartesiano.

Por sua vez, o segundo capítulo – Hermeneutics and the Romantic Prejudice – trabalha, principalmente, a relação entre Kant, o Romantismo e a Hermenêutica Moderna. O objetivo da autora é argumentar que o dito prejuízo romântico – i.e. o subjetivismo, o indivíduo está no centro – não permeia as filosofias hermenêuticas tais como a de Ricoeur. Vlacos entende que essa impressão de permeabilidade se trata de um equívoco causado pela proximidade da Hermenêutica com o Idealismo Pós-Kantiano – proximidade que não implica em aquiescência. Essa argumentação da autora é importante para desvincular de Ricoeur o peso das acusações da Nova Crítica – movimento teórico a favor do objetivismo e da centralidade do texto – recaídas sob o os ombros dos românticos.

No terceiro capítulo – Hermeneutics and Ontology –, há uma considerável apresentação da recepção francesa da Ontologia de Heidegger, que cobre desde as críticas sofridas por Sartre em sua tentativa de apropriação da filosofia alemã até a bifurcação, causada pela contrariedade de recepção, entre o Desconstrucionismo – Derrida – e a Hermenêutica Pós-Estruturalista – Ricoeur. Como alega Vlacos (2014, p.12), essa contrariedade estaria por detrás do desacordo entre essas duas vertentes teóricas no contexto da teoria literária. Nesta seção, notavelmente, há também um espaço dedicado para a exposição

da crítica de Ricoeur à “ontologia direta” e sua reivindicação por uma “ontologia mediada e gradativa”. Outro ponto saliente, ao longo do capítulo, consiste na relação entre a descoberta da posição política de Heidegger, a sua filosofia e a controvérsia na sua assimilação pelos círculos intelectuais franceses.

A compreensão de Ricoeur sobre a poética, a metáfora e a imaginação começam a aparecer mais diretamente apenas no quarto capítulo – The Poetry of Reason: Ricoeur and the Theoretical Imagination. Novamente, a autora trabalha Ricoeur paralelo a Derrida, o que leva a conexões de similitude sobre o poder criador da metáfora, mas de ruptura a respeito de alguns comprometimentos ontológicos e linguísticos. Contudo, o esforço mais interessante da pensadora neste capítulo está na apresentação da teoria da metáfora de Ricoeur conjugada à imaginação produtiva de Kant. Vlacos também expõe com pertinência como o filósofo francês busca criticar a concepção tradicional de metáfora, que trata este recurso da linguagem como mero substituidor ou alternador de sentidos. Para além desse modelo teórico de substituição, a proposta de Ricoeur consiste em mostrar a capacidade da metáfora para a inovação semântica e para a fixação de novos sentidos no mundo.

No capítulo final – The Ethics of Imagination –, a autora recupera uma menção a Martha Nussbaum sobre a necessidade de pensar a relevância ética das obras literárias para discutir como Paul Ricoeur responde nesse sentido à “virada ética” da década de 1990, da qual a própria filósofa estadunidense é um dos principais nomes. Vlacos busca demonstrar a continuidade entre a filosofia da imaginação de Ricoeur apresentada no capítulo anterior e a sua filosofia tardia mais inclinada às reflexões éticas. Sem surpresa, o desfecho resumido dessa busca é de que Ricoeur vê a imaginação poética como central para a sua ética. Considero essa parte do capítulo a progressão mais interessante da obra como um todo, se considerarmos a temática antecipada pelo seu título – Ricoeur, Literatura e Imaginação –, além da relevância

propriamente dita de incluir o pensador francês nos debates contemporâneos sobre filosofia, ética e literatura. Ainda neste capítulo, também de maneira interessante, a autora reflete sobre a declaração presente em *Tempo e Narrativa* (1983-1985) de que a narrativa é a figura do tempo humano e a sua conexão com a denominada filosofia da imaginação de Ricoeur.

Antes de encerrar esta resenha, pretendo abordar um tópico importante discutido no último capítulo a respeito da crítica do filósofo levinasiano Robert Eaglestone a Martha Nussbaum e a Paul Ricoeur; mais especificamente sobre a maneira como Sophie Vlacos recebe essa mesma crítica. Resumidamente, a autora salvaguarda Ricoeur das acusações de Eaglestone, mas mantém e desenvolve a pertinência das mesmas críticas a Nussbaum. Embora parte dessa pertinência pareça sustentável, entendo como problemática a aquiescência de Vlacos no que diz respeito a uma alegada "ingenuidade" sobre as emoções por parte de Nussbaum. Trata-se de uma alegação problemática e, mesmo se procedente, fundamentada pelo texto de Vlacos no máximo parcamente. Dito isso, desenvolvo esse tópico de discussão a seguir.

Em *Ethical Criticism: Reading After Levinas* (1997), recupera Vlacos (2014, p.1986), Robert Eaglestone desenvolve críticas à posição de Martha Nussbaum manifesta na obra *Love's Knowledge* (1990). A primeira crítica diz respeito a uma suposta limitação hermenêutica por parte da filósofa. Em outras palavras, Nussbaum imersa em sua própria concepção moral sobre a literatura desconsidera a heterogeneidade de interpretações possíveis; ou ainda, idealiza uma interpretação como a melhor apreensão da "moralidade projetada" da obra literária em questão. A segunda condenação de Eaglestone é a "facilidade" com que Nussbaum traduz situações do mundo do texto em situações correspondentes no mundo extratextual.

As duas críticas aparentam pertinência: primeiro, porque de fato Nussbaum parece favorecer certas interpretações como superiores e idealizá-las em paralelo à sua proposta neoaristotélica; segundo, porque a filósofa

não dedica nenhum espaço considerável para endereçar o problema do referente e da ficção. Todavia, por outro lado, parece equivocado presumir que essa suposta ausência de preocupação implique, imediatamente, na aceitação de um modelo mimético que entenda as ficções como réplicas da realidade – um equívoco que, de acordo com a descrição de Vlacos (2014, p.193), Eaglestone comete.

Para os objetivos de Vlacos, no entanto, o problema está na equiparação que Eaglestone realiza entre Nussbaum e Ricoeur ao atribuir a ambos o mesmo rótulo: "epi-leitor". Embora este seja um conceito singular e importante para a compreensão do problema, Vlacos falha ao não apresentar uma definição direta em seu texto. De acordo com Dawson (1999)¹, o "epi-leitor" é aquele que lê o texto para ouvir uma pessoa ausente ou aquele que ignora o texto em favor de uma concepção de mundo – noto que o segundo sentido é uma extrapolação minha. Com sentido oposto, o "grafi-leitor" é o leitor que ignora o mundo em favor do texto.

Certamente, Nussbaum e Ricoeur possuem afinidades filosóficas consideráveis. Vlacos (2014, p.193) elenca algumas: ambos subscrevem à abordagem dialética baseada na sabedoria prática informada por Aristóteles; a literatura possui um papel de grande importância para a ética em seus projetos filosóficos; mais especificamente, a narrativa literária aparece nesses projetos como oportuna para um modo peculiar de sabedoria prática e produtiva criativamente; por fim, a poética aristotélica também se revela, tanto para a filósofa estadunidense, quanto para o filósofo francês, como uma possibilidade de elevação dos poderes éticos e sociais da literatura frente ao niilismo estético. Contudo, para Vlacos, essas afinidades não são nem de longe suficientes para reduzi-los ao mesmo rótulo – o que concordo amplamente.

A autora entende que Ricoeur é capaz de lidar com as duas críticas mobilizadas por Eaglestone contra Nussbaum; portanto, se essas críticas forem as únicas relevantes,

¹ DAWSON, John David. Robert Eaglestone, *Ethical Criticism: Reading After Levinas*. Bryn Mawr Review of Comparative Literature, v.1, n.1, sum. 1999.

a classificação do filósofo como “epi-leitor” consiste em um equívoco. Ao longo do livro, a autora já demonstra que a hermenêutica mediadora Ricoeur satisfaz a exigência de consideração da heterogeneidade das interpretações sem, no entanto, ser vítima da polarização entre Sujeito e Texto. Vlacos também explica que Ricoeur refuta o modelo da imaginação ou imagem de Sartre, condicionado pela ausência, em *A Metáfora Viva*. Ademais, ao elaborar a sua teoria sobre a metáfora e a imaginação produtiva, o filósofo francês oferece, expressamente, uma alternativa ao modelo mimético que trata as ficções literárias como meras réplicas do real. Não parece haver, portanto, condições para que seja afirmado que Ricoeur, simplesmente, ignora o texto em favor do mundo ou procure uma presença ausente no texto. Nesse sentido, entendo que Vlacos fundamenta uma defesa competente para salvaguardar Ricoeur das alegações de Eaglestone,

Contudo, guardo ressalvas em relação à posição da autora no que diz respeito à gravidade da crítica que recai sobre a posição de Nussbaum. Embora seja razoável assinalar o afunilamento interpretativo da filósofa sobre as obras literárias analisadas em seu trabalho, e mesmo a sua omissão a respeito do problema da ficção, não está claro no livro de Vlacos (2014, p.212) qual a fragilidade do conhecimento emocional e de outros aspectos teóricos reivindicados por Nussbaum. Para analisar se a pensadora está, de fato, no alcance da crítica de Eaglestone, antes é necessário que se investigue com um maior zelo a obra de Nussbaum – à maneira que Vlacos faz com a obra de Ricoeur. Caso essa árdua tarefa for tangenciada, como acontece no trabalho de Vlacos, parece temerário atestar a completa fragilidade da abordagem de Nussbaum diante das críticas de Eaglestone.

Apesar de alguns pontos confusos, controversos e problemáticos, considero a obra de Sophie Vlacos recomendável para estudiosos da filosofia de Ricoeur em geral e àqueles interessados em saber como o filósofo francês responde aos desafios lançados pela

teoria literária. Ainda que seja apenas nos dois últimos capítulos, Vlacos é capaz de evidenciar por que Paul Ricoeur deve ser considerado uma referência relevante no campo teórico da literatura. Nesse sentido, a autora cumpre com o prometido.